

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NO TRIÂNGULO MINEIRO: IRMÃ LORETO E A FISTA EM UBERABA-MG

Amanda Regina Gonçalves
Departamento de Geografia
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba-MG
goncalves.amanda@gmail.com

Mariana Bernardo Menon
Licenciada em Geografia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM),
Uberaba-MG. Professora de Geografia na rede pública de ensino do Estado de São Paulo.
menon.mariana@gmail.com

RESUMO

Diante da necessidade de compreender melhor aspectos atuais da cultura acadêmica e da cultura escolar em que a disciplina Geografia está imersa, o texto desenvolve-se em torno do objetivo de reconhecer os processos de históricos de institucionalização da Licenciatura em Geografia no Ensino Superior no Triângulo Mineiro. A partir de procedimentos metodológicos de pesquisa da história oral e da pesquisa documental, com uso de entrevistas à Irmã Loreto como uma fonte direta de dados, o texto avalia como a cidade de Uberaba e região fazem parte da história da formação de professores Geografia no Brasil, a partir da criação, em 1949, do Curso de Geografia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (FISTA), situando-o entre os primeiros do país. Como resultado, traz-se a trajetória de vida e formação da Irmã Loreto, fundadora do Curso de Geografia nesta instituição e que formou professores de Geografia por mais de quarenta e cinco anos, sendo destacados aspectos da história da disciplina e da prática de ensino de Geografia.

Palavras-chave: História da Disciplina. Geografia. Ensino Superior. Uberaba-MG.

HISTORY OF GEOGRAPHY TEACHER TRAINING IN THE TRIÂNGULO MINEIRO: SISTER LORETO AND THE FISTA IN UBERABA (MINAS GERAIS, BRAZIL)

ABSTRACT

Given the need to better understand current aspects of academic culture and school culture in which the discipline Geography is immersed, the text develops around the objective of recognizing the historical processes of institutionalization of Degree in Geography in Higher Education in the Triângulo Mineiro (Minas Gerais, Brazil). Based on methodological procedures for researching oral history and documentary research, using interviews with Sister Loreto as a direct source of data, the text assesses how the city of Uberaba and the region are part of the history the formation of Geography teachers in Brazil, from the creation, in 1949, of the Geography Course at the Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (FISTA), placing him among the first in the country. As a result, it brings the Sister Loreto's trajectory life and formation, founder of the Geography Course at this institution and who trained Geography teachers for over forty-five years, and being highlighted aspects of the history of school subjects and the practice of teaching Geography.

Keywords: History of school subject. Geography. Higher Education. Uberaba (Minas Gerais, Brazil).

INTRODUÇÃO

O presente texto resulta de uma pesquisa que revela a cidade de Uberaba e a região do Triângulo Mineiro como parte deste pioneirismo na formação de professores Geografia no Brasil, a partir da criação em 1949 do Curso de Geografia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, situando-o entre os primeiros do país. Pesquisa esta que nos levou à professora pioneira desta ciência na instituição: a professora Rute Gebrim, cujo nome religioso é Irmã Maria de Loreto

Gebrim, a primeira professora de Geografia no ensino superior da região do Triângulo Mineiro, a qual formou professores de Geografia em Uberaba e região por mais de quarenta e cinco anos.

Este trabalho insere-se no campo de pesquisa da História da Disciplina Escolar, mais especificamente, da História da Disciplina Geografia. Temos como objetivo reconhecer os processos de institucionalização da Licenciatura em Geografia no Ensino Superior em Uberaba e região e a trajetória de formação da Irmã Loreto como formadora de professores nesta disciplina. Pretende-se, portanto, fornecer subsídios à reflexão histórica da disciplina Geografia em Uberaba através do relato biográfico da professora e de estudo bibliográfico e documental sobre a instituição; além da intenção de interagir o passado e o presente e possibilitar uma fonte direta de dados para pesquisas no atual processo de formação de professores de Geografia na região do Triângulo Mineiro.

Visa-se a reconstrução de um histórico do princípio da formação de professores de Geografia e do estudo da sociogênese do conhecimento escolar da geografia (GONÇALVES, 2011) predominantes na região, sendo que a realização dessa reconstrução a partir da memória de uma professora, comprova a sua importância no processo educativo.

Entende-se que a tarefa de compreender a formação de professores de Geografia no Brasil se realiza diante da realidade histórica. Assim, este trabalho também pode subsidiar a formação inicial e continuada de professores de Geografia, pois:

quando reconhecemos quais são nossas principais matrizes político-pedagógicas do ofício de aprender a ensinar, ou seja, matrizes formativas, do formar-se professor, bem como o lugar que o Estado ocupou em nossa formação, compreendemos melhor aspectos atuais da cultura acadêmica e da cultura escolar, o que também nos ajuda a estabelecer conexões e ampliar a percepção de algumas das situações que o licenciando se depara no cotidiano da escola (GONÇALVES, 2014, p. 26).

Para além da introdução, este texto é dividido em três partes. Na primeira parte, são apresentados os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa. A segunda parte traz breves discussões acerca do processo de construção das instituições de ensino superior e das licenciaturas no Brasil na segunda metade do século XX, o que contextualiza a realidade educacional em que se insere a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, em Uberaba-MG. Na terceira parte, a partir de estudos da memória, apresenta-se a reconstrução da trajetória de vida e profissional da professora Irmã Loreto; registram-se fatos e acontecimentos por meio dos relatos orais de sua trajetória de vida que não foram registrados em documentos escritos, os quais subsidiam a compreensão da cultura de saberes e práticas que estruturou a formação de professores de Geografia durante a segunda metade do século XX (mais especificamente entre os anos de 1950 e 1980) em Uberaba em diferentes dimensões e manifestações. Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA: HISTÓRIA ORAL E ANÁLISE DOCUMENTAL

A pesquisa que embasa este texto desenvolveu-se de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da história oral, fazendo uso de entrevistas como instrumento básico para a coleta de dados, tendo em vista o seu caráter de interação entre pesquisador e sujeito da pesquisa. Por tratar-se de uma fonte viva de informações, que atribui um caráter vivo aos dados desta pesquisa, identificou-se a necessidade desta investigação junto a depoente se realizar à luz dos referenciais ético-acadêmicos e político-educacionais da história oral¹.

Foram realizadas três entrevistas² com a Irmã Loreto em sistema de áudio e vídeo, que seguiram um roteiro semiestruturado e todo o rigor e orientação ética que este tipo de pesquisa exige, entre os anos de 2010 e 2013, as quais foram transcritas na íntegra e compõem o trabalho de Menon (2014). Além das entrevistas, uma diversidade de documentos da depoente assegurou outra fonte de

¹ A referida pesquisa, incluindo a coleta das entrevistas e do material documental, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), sob o Protocolo 2766, em setembro de 2013, sendo parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Menon (2014).

² Inicialmente, a pesquisa teve como objetivo coletar dados para uma disciplina do Curso de Licenciatura em Geografia. Houve a produção de um vídeo-documentário com uma entrevista à Irmã Loreto, disponível para consulta no Laboratório de Cultura e Educação Geográfica (Labeleduc-Geo), do Departamento de Geografia, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

confirmação dos dados já existentes. Lançou-se mão da pesquisa documental como meio complementar à metodologia de pesquisa da história oral, realizando um esforço articulador entre depoimento e documentos escritos a fim de produzir novos conhecimentos. Irmã Loreto faleceu em 2015, aos 97 anos, o que confere a este trabalho novo papel de preservação de fontes para outras reconstruções históricas.

Seguiram-se as orientações de Lüdke e André (1986) sobre a realização de pesquisas em educação com abordagem qualitativa, sobretudo quanto a como proceder na análise dos documentos.

Ao tratar da análise documental, Lüdke e André (1986, p. 38) entendem que essa “pode se constituir numa valiosa técnica de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema”. Ainda segundo as autoras, “os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 39). Fundamentação esta que contempla esse trabalho, uma vez que a depoente fala de suas práticas de ensino e podemos identificá-las em documentos que compõem nosso arquivo. A essa possibilidade se deve a intenção de utilizar os documentos como complemento, por não serem apenas uma fonte de informação contextualizada, mas por nos fornecer informação sobre o contexto em que surgiram (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Entendemos história oral no seu sentido mais amplo, compreendido por Paul Thompson (2002, p. 09) como “a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”. Vemos os procedimentos da história oral como fundamental para o crescimento dos estudos em educação, mais precisamente no campo da História da Disciplina Escolar, que buscam reconstruir a sociogênese do conhecimento das disciplinas escolares. Trata-se de um método que traz importantes subsídios ao nosso campo de estudo, já que a prática docente é essencialmente oral e pouco registrada no âmbito da pesquisa.

Apesar do enfoque no sujeito, a análise dos relatos leva em consideração o contexto social do tempo e espaço da pesquisa. De acordo com Lucília Delgado (2010, p. 16), “a história oral é um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico”, que traz o ensinamento do tempo passado (época focada pelo depoimento) e o tempo presente (no qual o depoimento foi produzido) com a intenção de produzir documentos e fontes - os quais atenderão as necessidades do pesquisador e que posteriormente poderão ser utilizados em novas pesquisas, desde que seja uma preocupação do pesquisador tornar público o material elaborado (THOMPSON, 1992), permitindo o mesmo ser reinterpretado por diversas perspectivas e continuar a contribuir para o conhecimento sobre o tema.

Também a pesquisa bibliográfica compõe o trajeto metodológico desta pesquisa, sobretudo aquela relacionada à institucionalização do ensino superior e da formação de professores no Brasil e em Uberaba-MG.

INSTITUCIONALIZAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIA E LETRAS SANTO TOMÁS DE AQUINO EM UBERABA-MG

A criação da Faculdade de Filosofia (FAFI) em Uberaba, que depois viria a ser chamada de Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras Santo Tomás de Aquino (FISTA)³, se insere no contexto da realidade educacional brasileira vivida na segunda metade do século XX.

O Colégio Pedro II, criado em 1837 no Rio de Janeiro, inspirado nos modelos franceses de ensino, tornou-se um colégio de instrução secundária modelar para todo o país, cujas prescrições e livros

³ A instituição teve mudanças em seu nome. Inicialmente denominava-se Faculdade de Filosofia (FAFI), seguido de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (FISTA) e, após a Reforma Universitária de 1968, mudou para Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (FISTA). No entanto, Irmã Loreto, e de forma geral, a sigla FISTA é utilizada para se referir à existência da instituição até 1980, quando foi encampada pelas Faculdades Integradas de Uberaba (FIUBE), atualmente Universidade de Uberaba (UNIUBE).

eram seguidos nos Liceus das Províncias. O ensino da geografia escolar no Brasil teve sua institucionalização e consolidação como componente curricular obrigatório no Brasil por meio dos regulamentos do Colégio Pedro II, portanto, estabeleceu-se anteriormente à sua existência no ensino superior e se legitimou, durante o século XIX, como uma geografia nomenclatural, mnemônica, abstrata, posta distante da realidade dos alunos, em si rotineira e mecânica e, em cuja tradição metodológica, deveria se “começar os estudos a partir do mais distante até atingir o mais próximo”, conforme indicam estudos de Genylton Rocha (2014, p. 32).

A influência francesa perdura na educação brasileira até o desenvolvimento das instituições de ensino superior. A partir da década de 1920, ao lado da urbanização e industrialização no Brasil, o movimento de modernização atinge também a educação. Eunice Durham (2003, p. 1) aponta que duas características marcaram o desenvolvimento do ensino superior no Brasil: seu caráter tardio, cujas primeiras universidades datam da década de 1930 e “o desenvolvimento precoce de um poderoso sistema de ensino privado paralelo ao setor público”.

Entende-se que a referida Faculdade se estabelece nesta periodização feita por Durham (2003), tratando-se de um desenvolvimento gestado na década de 1920, mas implantado no período de 1930, coincidindo com o final da Primeira República e a instalação do governo autoritário de Getúlio Vargas, o Estado Novo. “No período Vargas foram criadas apenas três universidades, duas públicas e uma católica (a do Rio de Janeiro fundada em 1944), no período seguinte, entre 1946 e 1960 (antes da grande expansão) foram estabelecidas outras 18 públicas e 10 privadas”, a maioria dessas era confessional (SAMPAIO, 2000, p. 70 apud DURHAM, 2003, p. 10).

Dessa época em diante a educação no Brasil como um todo se torna preocupação do Estado e é marcada por reformas educacionais de cunho nacional, das quais “ganham destaque a criação dos estatutos das universidades, a aprovação das leis orgânicas de ensino secundário, profissional, primário e normal, e a aprovação de duas Leis de Diretrizes e Bases da Educação (em 1961 e 1971)” (VEIGA, 2007, p. 238).

No que diz respeito à organização do ensino superior após a criação do Ministério, em abril de 1931 é decretado o Estatuto das Universidades Brasileiras que regulamentava o funcionamento das Instituições de Ensino Superior do país (VEIGA, 2007). Na época, existia apenas a Universidade de Minas Gerais (1927) e do Rio de Janeiro (1920) que foram logo seguidas da Universidade de São Paulo (1934) e pela Universidade do Distrito Federal (1935), atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro.

De acordo com Veiga (2007), no ano de 1937, Gustavo Capanema transformou a Universidade do Rio de Janeiro em Universidade do Brasil e em 1939, transferiu a Universidade do Distrito Federal para a nova instituição como Faculdade Nacional de Filosofia. O objetivo dessa faculdade era preparar professores do ensino secundário e normal e pessoal técnico administrativo. Modelo que se adequa à organização da FIFA, instituição em foco no presente estudo.

Sua estrutura foi dividida em quatro seções com respectivos cursos: ciências (matemática, física, química, história natural, geografia e história, ciências sociais), letras (letras clássicas, letras neolatinas, letras anglo-germânicas), filosofia (filosofia), pedagogia (pedagogia e didática). Esse modelo foi seguido por outras faculdades do mesmo gênero no país até 1968, quando houve o desmembramento dos cursos pela criação das faculdades de educação e dos institutos de ciências (VEIGA, 2007, p. 301).

Ainda de acordo com a autora, outra iniciativa do governo Vargas foi a criação de faculdades católicas entre os anos de 1946 e 1961. Alceu Amoroso Lima teve papel marcante nos trabalhos da criação da universidade junto à Igreja, uma vez que este foi o principal mediador entre a Igreja local e o Ministério da Educação e da Saúde, durante o processo de criação da FAFI.

Ao tratarmos da institucionalização específica da formação de professores de Geografia no Brasil identificamos seu início a partir da década de 1930, junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, e à Universidade do Distrito Federal, em 1935, ambas sob influência da escola francesa de Geografia.

É entre os cursos propostos pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - FFCL - que a Geografia é institucionalizada no Brasil. Nos anos posteriores à institucionalização, a ligação entre as produções brasileira e francesa eram muito fortes. Pierre Deffontaines e Pierre Mombeig foram os precursores da Geografia institucional no Brasil e também os responsáveis pelo desenvolvimento dessa ciência e seu papel primordial perante o Estado (PETRUCI e SOUZA, 2019, p. 80).

Uberaba se une a essas capitais com a fundação da Faculdade de Filosofia em 1948. A caracterização da gênese e da história da Faculdade de Filosofia ampara-se, em grande parte, nos estudos apresentados por Maria de Lourdes Leal dos Santos (2006) sobre esta instituição. A Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino foi a primeira instituição confessional de ensino superior de Uberaba, Minas Gerais, e a única fundada pelas Irmãs Dominicanas no Brasil.

Segundo Santos (2006), a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, França, insere-se na Ordem Dominicana sob o título de “Religiosas Educadoras da Ordem Terceira Regular de São Domingo”. Madre Anastasie, fundadora da congregação, desde o início de sua vida religiosa, dedica-se à evangelização de leigos por meio da escola. Desse modo, constata-se a função docente como primeira atividade apostólica da Ordem. Em 1878 suscitou-se a primeira tentativa de fundação de um convento da Ordem no Brasil, que terminou de forma frustrante com a morte dos Frades Dominicanos pela febre amarela que assolava o país naquela época. Porém, em 1881, atendendo aos pedidos do bispo da diocese de Goiás e de todo o Triângulo Mineiro pela necessidade de novos religiosos, instalam-se em Uberaba.

Os dominicanos, diante das dificuldades, insistem pela vinda das Irmãs Dominicanas para ajudarem no trabalho missionário. Em 05 de maio de 1885, desembarcam no Brasil as seis irmãs escolhidas para o grande desafio de fundar um convento no interior do país. Em 15 de junho chegam a Uberaba, onde foram recebidas com uma grande festa. Instaladas na Santa Casa de Misericórdia, em outubro do mesmo ano abriram, numa ala do prédio, o Colégio Nossa Senhora das Dores (até hoje em funcionamento na cidade, com mais de 125 anos).

Era o marco inicial da continuidade à tradição do trabalho educacional da Ordem dos Pregadores (ou Ordem Dominicana) no Brasil e um fator preponderante para entender a gênese da primeira instituição confessional de ensino superior da região.

Passadas muitas décadas, o Colégio Marista Diocesano, dos irmãos maristas e o Colégio Nossa Senhora das Dores, das irmãs dominicanas, eram referência na educação de meninos e meninas da cidade e região. A elite socioeconômica de Uberaba passou então a ansiar a criação de uma instituição de ensino superior que proporcionasse a continuidade dos estudos dos jovens sem sair do convívio familiar.

A Igreja, por meio da figura de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, Bispo da Diocese de Uberaba, fundou em 1944 a Instituição Superior de Cultura que passou a reunir a elite cultural da cidade. Em uma das conferências oferecidas pelo Instituto, estava presente o escritor Alceu Amoroso Lima (de pseudônimo Tristão de Atayde) que, diante da consistência acadêmica da instituição, vislumbrou a realização da fundação de uma Faculdade de Filosofia.

Uma mobilização da Igreja local, instigada por Dom Alexandre juntamente com os Irmãos Maristas e Irmãs Dominicanas e o apoio de Alceu Amoroso Lima na mediação entre Igreja Católica e Ministério da Educação e Saúde Pública, preparou a documentação para o processo de funcionamento da Faculdade. Em 16 de setembro de 1948, o Parecer 551 aprovou o regimento e em dezembro do mesmo ano e o Decreto Federal 26.044 autorizou o funcionamento da Faculdade de Filosofia. Tendo suas atividades acadêmicas iniciadas em 1949, a Faculdade foi a única instituição confessional de Ensino Superior criada pelas Irmãs Dominicanas no Brasil e pioneira na vida universitária de Uberaba e região; contava com os cursos de Filosofia, Pedagogia, Geografia, História e Letras: Línguas Neolatinas, Clássicas, Anglo-Germânicas e Didática (SANTOS, 2006).

Figura 1 - Fotografia tirada em 07 de março de 1949, após a aula inaugural da Faculdade de Filosofia, no Colégio Nossa Senhora das Dores. Na primeira fila, sentados da esquerda para a direita estão: Irmão Lourenço Esteves, Madre Maria Ângela da Eucaristia, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, uma pessoa que não identificamos e a Irmã Maria Virginita do Rosário. Na fileira de trás e entre a Madre Maria Ângela e o Dom Alexandre, está a Irmã Maria de Loreto Gebrim, primeira professora do Curso de Geografia.



Fonte - Foto de J. Schroden Jr. (1949). Acervo de Tertuliana Cristina Campos Mendonça Silva. Site José Mendonça (2010).

O primeiro regimento da Faculdade já trazia implícita a ideia de Universidade, reafirmando a finalidade da instituição em formar “professores com possibilidades de especialização e realização de pesquisas em vários domínios da cultura” (SANTOS, 2006, p. 32).

Até 1954 a instituição funcionou em dois departamentos: o masculino e o feminino, localizados no Colégio Marista Diocesano e no Colégio Nossa Senhora das Dores, respectivamente. Com o crescimento do número de alunos os dois departamentos se uniram num prédio provisório e em 1961 a FAFI consolidou-se com a inauguração do prédio próprio e o reconhecimento dos novos cursos de Jornalismo, Química, Matemática e História Natural.

Figura 2 - Sede própria, com fachada em estilo art déco, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, em Uberaba-MG.



Fonte - Acervo do Museu das Irmãs Dominicanas de Monteils - Uberaba, Minas Gerais.

A biblioteca da Faculdade teve seu prédio próprio inaugurado em 1970 e contava com mais de dez mil volumes, livros de autores clássicos e era considerada referência para toda a região.

Segundo os estudos de Santos (2006, p. 38-39), a organização de atividades religiosas - como conferências e retiro espiritual - ligadas à Juventude Universitária Católica (JUC) e a oferta de cursos avulsos no cotidiano da faculdade “possibilitou uma formação acadêmica diferenciada” e acenderam “uma nova mentalidade na juventude uberabense”.

Apoiados em uma concepção humanista cristã, a FISTA desempenhava um papel de agente de transformação social, seus professores apresentavam em suas práticas uma posição crítica diante do conhecimento e diante do olhar para o futuro promovendo “o avanço do saber, o espaço da invenção, da descoberta e elaboração de teorias” (SANTOS, 2006, p. 46). Neste sentido, a instituição mantinha cursos de Graduação, Especialização, Atualização e Extensão.

Ainda de acordo com Santos (2006, p. 46) os ideais humanísticos também estão presentes na concepção de currículo que, por sua vez, se preocupava com a organização de um ambiente favorável à busca do conhecimento impulsionando os alunos “a buscar novas estratégias, com autonomia e responsabilidade” e continua afirmando que “professores e alunos, em diferentes níveis, eram formados para uma visão do conhecimento como prática da liberdade, em que as ações pedagógicas traziam o homem como sujeito do processo de conscientização” (SANTOS, 2006, p. 56). Outro ponto marcante era a preocupação de interação entre professores e alunos que permeava o trabalho educativo da FISTA e que favorecia ainda mais a busca do conhecimento.

O Golpe Militar de 1964 que colocou fim à democracia e à liberdade do povo brasileiro perdurou por vinte e um anos (1964 a 1985) e além de provocarem prejuízos econômicos e políticos ao país, as consequências foram desastrosas no âmbito da cultura e educação (ARANHA, 2006).

Neste período, constataram-se rigorosos critérios de fiscalização estatal em todas as atividades desenvolvidas pela Instituição - administração, corpo docente e discente sofreram intensa pressão. Exigindo respeito e autonomia, a presença e postura rígida de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, foi fundamental para a liberdade de ação da Igreja local e para a continuidade das atividades culturais na Faculdade em pleno período de repressão e perseguição aos ideais humanistas e marxistas (SANTOS, 2006).

Entre 1967 e 1968, o movimento estudantil realizou grandes mobilizações contra o estado ditatorial, e o Centro Acadêmico da Faculdade representou a militância da juventude presente em Uberaba e região do Triângulo Mineiro. Nessa mesma época a repressão aumentou com torturas e mortes, tornando arriscada qualquer oposição ao regime (ARANHA, 2006).

A reação da ditadura recrudescia. Em dezembro de 1968, o Ato Institucional nº 5 (AI-5) retirou todas as garantias individuais, públicas ou privadas e concedeu ao presidente da República poderes para atuar como executivo e legislativo. Em fevereiro de 1969, o Decreto-Lei nº 477 proibia professores, alunos e funcionários das escolas toda e qualquer manifestação de caráter político (ARANHA, 2006, p. 315).

A Reforma Universitária de 1968, dentre outras medidas, “extinguiu a cátedra (cargo de professor universitário, titular em determinada disciplina), unificou o vestibular e aglutinou as faculdades em universidades” (ARANHA, 2006, p. 317), desenvolveu ainda um programa de pós-graduação (mestrado e doutorado) que só foi implantado definitivamente na década de 1970. No âmbito da FISTA a legislação provocou inúmeras mudanças e uma delas é o nome da própria instituição que mudou para Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (FISTA) (SANTOS, 2006).

Apesar de viver um “período de asfixia” a Instituição conseguiu continuar seu trabalho na promoção da cultura. Destaca-se uma iniciativa dos universitários uberabenses que visando à melhoria da qualidade da educação no ensino superior, junto aos Diretórios Acadêmicos, em maio de 1967 reivindicaram ao Presidente da República, Marechal Arthur da Costa e Silva, a federalização das Faculdades de Uberaba para a criação de uma universidade federal. Apresentaram um diagnóstico comprovando o número de faculdades existentes, a realidade educacional de Uberaba e região e a necessidade de um órgão de ensino superior federal que não fosse privilégio de uma minoria (SANTOS, 2006). Apesar dos esforços, o desejo não se concretizou.

Nos anos 1970 a instituição viveu um novo momento desencadeado pelas exigências legais da Reforma Universitária, que interferiram profundamente na organização, nos processos de gestão e avaliação da Faculdade (SANTOS, 2006, p. 76). No ano de 1972, visando prolongar sua proposta educacional, foi assinado um acordo de integração entre a FISTA e a Universidade Católica de Minas Gerais. A imprensa local registrou esta nova etapa com o seguinte teor:

Diante do impasse que a própria época criou a comunidade religiosa da FAFI [...] decide passar adiante a obra construída com sacrifício e amor imensuráveis. É, no entanto, a mesma doação abnegada que orientou a criação da FAFI que exige passá-la adiante: espera-se assim que a FAFI possa prolongar-se fora dos limites que as Irmãs puderam lhe dar, ganhando em consistência e presença [...] (Lavoura e Comércio, 29/05/1974, p. 2 apud SANTOS, 2006, p. 76).

Concomitante a essa reorganização legal da FISTA, as irmãs dominicanas vivenciaram um processo de mudança da ordem que buscava inspirações na Teologia da Libertação, em benefício dos pobres (SANTOS, 2006, p. 83). Aos poucos as comunidades religiosas foram se desligando das instituições de ensino e assumindo novos postos de trabalho. Reflexo desses novos acontecimentos na Instituição foi a saída das religiosas da direção, assumida por uma professora e ex-aluna. Em seguida, presenciou-se o fechamento da FISTA:

O motivo primordial da “venda” foi a falta de recursos financeiros para a manutenção da Faculdade, diante do número insuficiente de alunos, da divisão dos cursos em departamentos, sobrecarregando a folha de pagamento. A expansão de novos cursos em outras instituições despertou o interesse dos alunos para outras áreas do conhecimento (SANTOS, 2006, p. 83).

Levados por um conjunto de fatores externos e internos, “exigiram da direção da Faculdade, juntamente com o corpo docente, uma opção de fusão com outra faculdade, FIUBE, Faculdades Integradas de Uberaba” (SANTOS, 2006, p. 85). Esta autora ainda constata que esse processo de fusão levou parte da concretização do anseio dos universitários de criação de uma Universidade de Uberaba que poderia futuramente levar a sua federalização.

Neste período, a região do Triângulo Mineiro passa a contar com a oferta de curso de formação do professor de Geografia em nível superior no município de Uberlândia. Em 1969 é criada a Universidade de Uberlândia, que integrava escolas de ensino superior existentes na cidade. Este também é o ano de criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Uberlândia, sendo que a implementação do Curso de Licenciatura Plena Geografia se deu em 1971 (Instituto de Geografia, Portal UFU, 2016).

Em Uberaba – cidade de tradição acadêmica e de cursos profissionalizantes nas áreas médica e agrícola – somente em 1996 cursos superiores na área de humanidades foram novamente oferecidos, agora de forma gratuita à população, oferecendo no início de sua implantação apenas três cursos de licenciaturas: Geografia, Pedagogia e Ciências Biológicas. A Faculdade de Educação de Uberaba (FEU) foi instituída através de um convênio entre a Universidade Federal de Uberlândia e a Prefeitura Municipal de Uberaba, por intervenção da Fundação Municipal de Ensino Superior de Uberaba – FUMESU. Os cursos totalmente públicos funcionaram por pouco tempo e formaram apenas duas turmas de alunos do Curso de Geografia.

Em 2005, a pesquisa de Ana Maria B. Leal (2005, p. 94) sobre o ensino superior em Uberaba, evidenciava as consequências da falta de uma universidade pública nas vidas estudantis dos egressos do Ensino Médio nesta cidade:

A falta de uma universidade pública tem feito com que, todos os anos, muitos dos jovens que concluem o Ensino Médio na cidade e não tem como arcar com o ônus de um ensino superior privado, ou abandonem seus estudos ou ainda, saiam da cidade para buscar o ensino superior em outras cidades, como Uberlândia.

Apenas em 2009 é implantado em Uberaba o Curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), junto a cinco outras licenciaturas. A instituição que anteriormente era uma fundação privada denominada Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM), fundada em 1954, federalizada em 1960 e transformada no ano de 2005 na Universidade Federal do Triângulo Mineiro. A formação de professor de Geografia em Uberaba, pública e gratuita, completou dez anos em 2019 e segue em funcionamento, junto a outros vinte e seis cursos de graduação ofertados pela UFTM, sendo nove licenciaturas.

TRAJETÓRIA DE VIDA E PROFISSIONAL DE IRMÃ LORETO: PIONEIRA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA NO TRIÂNGULO MINEIRO

Inicia-se, a seguir, a reconstrução da trajetória de vida e profissional da Irmã Maria de Loreto Gebrim, conhecida como Irmã Loreto. Ressalta-se que a construção deste texto não segue uma ordem linear das entrevistas, mas tenta criar uma sequência clara da trajetória da depoente, sendo construída com recortes reorganizados das transcrições.

A escolha da depoente se deu pelo fato desta ter sido a responsável pela criação do curso de Licenciatura em Geografia da Faculdade de Filosofia, em Uberaba-MG, no ano de 1948, por ter estado entre os primeiros cursos desta licenciatura no país e por se tratar de uma fonte viva de informações.

Cada tópico de discussão subsequente será definido por uma fala da própria depoente, a qual, recortada, servirá como ponto de partida para a compreensão de sua trajetória de vida e profissional.

“Meu nome civil, Ruth Gebrim”

Ruth Gebrim, nome civil da professora Irmã Loreto, nasceu no município de Formosa, Estado de Goiás, aos 11 de fevereiro de 1918. Com seis anos iniciou seus estudos no Colégio São José, das Irmãs Dominicanas em Formosa e, também, começou o estudo de piano. Diz que desde criança já sabia que iria dedicar sua vida a Deus. Assim sendo, concluiu os estudos na Escola Normal em 1934 e em fevereiro de 1935 entrou para o convento da Ordem das Dominicanas de Monteils em Uberaba-MG. No convento, ao lado da Música, lecionou Língua Portuguesa e Matemática para no primário, mas é só no final da década de 1930 que entra em contato com a Geografia. Sua afeição e dedicação à música estão sempre presentes em suas falas e não esconde o quanto a Geografia tomou seu desenvolvimento musical. Sobre este fato nos conta:

[...] no campo da música eu continuei com minhas composições. Hoje eu devo ter quatrocentas e tantas composições musicais sem praticar, porque eu nunca tenho tempo, a Geografia me acaparou! (22/10/2010)

As aulas no primário marcaram o início de uma longa trajetória profissional como docente.

“Eu nem pensava que Geografia existisse!”

Irmã Loreto fez o Postulado em Uberaba em 1936 e o Noviciado em 1937 e 1938 em Monteils, na França, onde também aproveitou a oportunidade para se “esbanjar” na música. Voltando ao Brasil fez o Curso de Geografia e História na Faculdade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, de 1939 a 1942, onde também cursou Teologia. Nesta época, fez aulas de Acordeom com Luiz Gonzaga em 1941 e Curso de Enfermagem neste mesmo ano, na Cruz Vermelha. Exerceu o cargo de Enfermeira por dois meses, no Hospital de Torres-SP em 1943 (CNSD, 2018).

Quando indagada sobre o porquê de sua formação em Geografia ela responde que antes de embarcar de volta ao Brasil, recebeu uma carta de sua Madre Superiora, a qual comenta da seguinte forma:

Eu nem pensava que geografia existisse! Quando recebi uma carta da minha Madre aqui do Brasil dizendo: “Irmã Loreto, voltando para o Brasil, agora em fevereiro de trinta e oito– ou trinta e nove? Não sei... trinta e oito (1938)! – você vai ficar no Rio e vai fazer o curso de História e Geografia para fortalecer o magistério aqui do Colégio Nossa Senhora das Dores”. (22/10/2010)

Irmã Loreto se interessava era pela Música e em seguir sem desvios ao seu objetivo central na vida que era o de se tornar religiosa. Sua sinceridade ao contar como a Geografia entrou na sua vida nos faz concordar com Louro (1990) quando diz que pessoas mais velhas, em geral, mostram-se mais dispostas em falar sem qualquer vergonha de todo tipo de fato ocorrido em sua vida. Apesar de sua idade avançada, Irmã Loreto apresenta muita lucidez. Porém, o tempo “faz sua parte” trazendo os efeitos do esquecimento no momento da rememoração. E continua:

A minha colega desde que entramos para o convento, com um dia de diferença era a Irmã Virginita, que morreu há poucos anos. Ela também ficou no Rio para fazer Pedagogia. E nós estudamos na Faculdade Santa Úrsula, que hoje é um departamento da PUC (Pontifícia Universidade Católica), onde bem mais tarde eu fiz o Doutorado em Geomorfologia. Lá nós ficamos quatro anos. Mas eu, como não gosto de perder tempo, na hora de montar o horário, todos os horários livres eu me matriculava em cursos avulsos. Por isso além da Geografia e da História, eu fiz Biologia, o curso integral de Teologia, e Etnografia e Canto. (22/10/2010)

Neste trecho, conta não só sobre sua experiência de graduação em Geografia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto Santa Úrsula (atual Universidade Santa Úrsula), no Rio de Janeiro, mas inclui a sua amiga Irmã Virginita que também passou pela mesma situação, portanto, incluindo parte da história de vida de pessoas que fizeram parte de suas experiências (LOURO, 1990; THOMPSON, 1992).

Terminando o curso de Geografia, eu vim para o Colégio Nossa Senhora das Dores para dar aula de Geografia, História... Mas neste tempo se cogitou da fundação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Santo Tomás de Aquino. Então eu fui professora de Cartografia e Geografia Física que tinha três anos - um ano para Climatologia, outro para Geomorfologia e outro para Biogeografia. (22/10/2010)

No que diz respeito às disciplinas que compunham o Curso de Licenciatura em Geografia da Faculdade, observa-se, a partir desta fala, que mesmo tendo cunho humanista, a matriz curricular da Geografia da FISTA era composta quase exclusivamente por disciplinas da área Física, além das pedagógicas. A parte referente ao desenvolvimento do pensamento crítico na formação dos futuros professores de Geografia advinha da base humanista que todos os cursos tinham em comum antes de iniciar o curso específico. Como ela relata:

[...] quando os alunos entravam eles faziam primeiro dois anos! E nesse curso todos os alunos ficavam juntos, fosse de Matemática, Ciências, Geografia e História... e a gente dava uma base bem acessível. [...] Essa base era para basificar o curso especializado que viria depois. Ele não tinha nada de voltado à pedagogia, didática... não! (30/01/2013)

Questionada especificamente sobre a presença de conteúdos ou disciplinas do campo das questões humanas no Curso de Geografia, Loreto nos conta:

Tinha, mas era com outro professor. Na parte social, Sociologia... Dedê foi aluna e depois professora. Abigail Bracarense foi aluna e depois professora. (05/06/2013)

Neste sentido, o Curso de Geografia da Faculdade de Filosofia estava imerso nos paradigmas científicos do período em questão, época em que para se fazer ciência com credibilidade, era necessário o uso das técnicas e metodologias das ciências da natureza e matemáticas. Na Geografia brasileira, nesse período, predominavam as influências da geografia tradicional francesa. A formação de Loreto revela essa forte influência, uma vez que contou que passou grande parte do tempo se atualizando em cursos avulsos na Universidade do Rio e no IBGE até 1952. Isto explica a base teórica utilizada nas aulas serem os livros provindos principalmente da USP e do IBGE. Quanto a essa influência, podemos comprová-la quando perguntamos sobre as referências das apostilas que ela construía para as aulas na faculdade:

Bom, dessas apostilas [...] há três fontes. Algumas retiradas de livros do IBGE, outras de livros franceses que eu trouxe da Sorbonne e a terceira, apontamentos das aulas que eu tive na Sorbonne com os professores. (30/01/2013)

Entre os anos de 1939 e 1943, Loreto graduou-se em Geografia, e em 1944 voltou para Uberaba para integrar o quadro de professores do Colégio Nossa Senhora das Dores. Neste mesmo ano funda-se o Instituto Superior de Cultura – também administrado por Irmãs Dominicanas e Irmãos Maristas. Este Instituto foi um broto da instituição de ensino superior que estava por vir.

“A FISTA foi fundada em 1949 e em 1952 consegui uma bolsa para Sorbonne”

A organização dos papéis para a submissão da Faculdade de Filosofia ao Ministério da Educação e da Saúde foi elaborada pelas Irmãs Dominicanas e, em especial, pela Irmã Loreto, que foi a responsável pela criação e organização de toda a estrutura do Curso de Geografia. A faculdade, então, é fundada em 1948 e passa a funcionar em 1949, onde lecionou por três anos.

Com um evidente orgulho, conta que em 1952 juntou “um punhado de certificados” e foi para a França. Como relata:

A FISTA [Faculdade de Filosofia] foi fundada em 1949, me parece... e em 1952 com um punhado de certificados na mão, com toda facilidade, eu consegui uma bolsa para Sorbonne, e fui para França fazer meus estudos patrocinada pelo professor Ruellan⁴ que era geomorfólogo francês, mas trabalhava aqui no Brasil. E com

⁴ “O primeiro geógrafo a ser contratado [pelo IBGE em 1937] (...) será Orlando Valverde, mas cabe destacar que a este núcleo de técnicos-intelectuais serão agregados pesquisadores, principalmente franceses, com Pierre Deffontaines, Emmanuel de Martone e Francis Ruellan que irão influenciar o desenvolvimento da geomorfologia dentro do IBGE, ao mesmo tempo em que irão propagar a geomorfologia junto aos professores da rede de ensino, como foi o caso de Francis Ruellan, fato que está muito bem registrado em vários artigos do Boletim Geográfico das décadas de 1940 e 1950” (VITTE, 2010, p. 5).

apresentações de Hilgard Sternberg⁵, que era professor também na área de Geografia Física e apresentação do Deffontaines⁶, que era professor na área de Geografia Humana. Chegando na França, fui logo matriculada e fiquei lá de 1952 até 1956. (22/20/2010)

Sobre os seus estudos conta que seu desejo inicial era fazer uma tese na área de Oceanografia, mas alguns fatores foram empecilhos, como nos relata:

Eu fui pensando em fazer uma tese de Oceanografia [...]. Naquele tempo era um hábito [veste religiosa] com trinta e duas peças e a madre não deixou eu tirar hábito e ficar... Então eu fui pra Sorbonne, me matriculei lá... [...]. Fiz excursões em Dinard, pra fazer um estudo de Oceanografia de pesquisa, mas eu vi que não dava por que eu morria de medo da água... e uma vez eu desci de escafandro ligeiro, é... tinha o nome de escafandro ligeiro, esse escafandro que hoje turista usa e tal. Eu desci com os meus colegas no Mediterrâneo, colhi uma porção de conchas no meio dos recifes... eles também. Quando nós subimos, que abrimos as conchas, a minha tinha uma pérola! (05/06/2013).

Neste trecho, percebemos mais uma vez a facilidade da depoente em rememorar suas experiências e como parte das escolhas profissionais que a levou para o campo da Geografia resulta de orientações externas.

Figura 3 - Sala de Aula do Curso de Licenciatura em Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, em Uberaba-MG, por volta do ano de 1960.



Fonte - Acervo de fotos do Museu das Dominicanas de Monteils - Uberaba, Minas Gerais.

⁵ “No final dos anos 1930 surgiu no Brasil a primeira geração de geógrafos formados no país. (...) Entre esses pioneiros encontrava-se Hilgard O’Reilly Sternberg, que assumiu a Cátedra de Geografia do Brasil na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro e, mais tarde, o cargo de Vice-Presidente da UGI, impulsionando a interligação internacional da geografia brasileira. (...) Foi um dos representantes mais excepcionais da pesquisa sobre as condições naturais e humanas das regiões das florestas tropicais da Amazônia” (KOHLHEPP, 2017, p. 7).

⁶ O geógrafo francês Pierre Deffontaines, veio ao Brasil fundar o primeiro curso superior de Geografia na recém-criada Universidade de São Paulo no ano de 1934, e também criou a Associação dos Geógrafos Brasileiros. No ano de 1935, ajuda a fundar o segundo curso superior de geografia no país, na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro (BRAY, 1993).

A escolha da França como destino para a realização do Doutorado, se deu por afinidade com a língua e pela influência de alguns professores franceses que lecionavam no Rio de Janeiro, a exemplo de Ruellan, que foi inclusive, quem orientou Loreto em suas teses. A respeito de seus estudos desenvolvidos, Loreto defendeu duas teses: uma na França em 1956 e outra defendida na PUC do Rio de Janeiro. Retornou a Uberaba já como catedrática e deu aula de 1957 até 1979 na FISTA e após sua incorporação pela antiga FIUBE – atual Universidade de Uberaba – lecionou até o ano de 2002, quando completou 84 anos de idade.

A FISTA foi a instituição pioneira na formação de professores em Uberaba e região do Triângulo Mineiro. Tempos depois da fundação desta faculdade em Uberaba é que foram surgindo instituições em outras cidades como ela nos relata:

Depois fundou em Araguari. [...] depois fundou o Curso de Geografia e Agronomia em Ituiutaba. Eu fui pra lá, fiquei um monte de anos. Eles vinham me buscar sexta, sábado, domingo eu voltava. [...]. Depois eu passei a dar aula quando fundou a faculdade de Araxá, nesse mesmo tempo. (05/06/2013)

Em várias instituições fundadas após a Faculdade de Filosofia, na região do Triângulo Mineiro, Loreto integrou o corpo docente. A este fato deve-se a importância de sua atuação como docente não só na cidade de Uberaba, mas na região. Além de que a faculdade atraía alunos de vários estados do Brasil.

“A faculdade foi visada, foi interrogada, ameaçaram até de prisão”

O período de repressão do Regime Militar no Brasil (de 1964 a 1985) refletiu na FISTA, que passou por rigorosos critérios de fiscalização em todas as atividades desenvolvidas pela instituição. Setor administrativo, corpo docente e discente sofreram intensa pressão. A faculdade só não sofreu maior processo de repressão nesse tempo, devido as intervenções de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral. A respeito desse período, Loreto rememora:

O Padre Prata foi muito visado, Monsenhor Juvenal, Irmã Jorgina que era diretora e a Irmã Isolina foram chamadas pra depor. Eu fui também chamada em Belo Horizonte, mas meu ramo não tinha tanto... eles não tinham medo do meu ramo, por que mexia com o quê? Com pedra, com planta e não com política. (05/06/2013)

Às sombras da Ditadura, a FISTA sofreu os efeitos das exigências legais da Reforma Universitária de 1968 e, concomitantemente, as alterações na Ordem afastou as Dominicanas do fazer docente e culminou na “venda” da instituição. Então, entre os anos de 1979 e 1980, houve a fusão entre FISTA e FIUBE. Entretanto, Loreto foi uma das poucas que permaneceram na mesma função profissional. Na FIUBE, permaneceu no Curso de Geografia por mais três anos e após o encerramento passou a lecionar a disciplina de Geologia Aplicada ao curso de Agronomia. Sobre esse período, ela conta:

Eles [FIUBE] tentaram continuar [com o curso de Geografia] pra receber o título de Universidade, mas depois eles foram fechando. A Geografia no mundo inteiro... O homem é tão burro ainda que não descobriu que o maior interesse é o estudo da Geografia, por que é a casa que nós temos. (05/06/2013)

Neste trecho do depoimento é evidente o sentimento de pertença que Irmã Loreto tem pela Geografia. Interessante é pensar que ela – a geografia – invadiu e “acaparou” sua vida não por uma escolha, mas por um dever, ao menos inicialmente.

“Ele me mandava livros que sobravam lá no IBGE”: referências teóricas e colegas da profissão

Os estudos de Loreto tiveram uma importante base teórica francesa tanto na graduação no Brasil, quanto o doutorado em Paris. Isso se deve, além de sua afinidade com a língua como nos relata, a

influência francesa na Geografia que iniciava academicamente no Brasil durante a década de 1930. Irmã Loreto cita que fizeram parte de sua formação como geógrafa nomes como Hilgard Sternberg, Fábio Macedo Soares Guimarães, Everardo Backheuser, Pierre Deffontaines e, segundo ela “o mais importante”, Francis Ruellan – que foi quem assumiu sua orientação no doutorado e sua porta de entrada para a Sorbonne.

Irmã Loreto relatou que um dos colegas de estudos na França mais próximos era Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, a quem, por várias vezes, demonstrava recordações alegres e saudosas.

No Brasil, disse que trocava correspondência com outros dois importantes geógrafos brasileiros: Aziz Nacib Ab’Saber e Milton Santos. Aziz Ab’Saber era seu amigo de correspondência e seu mediador com a USP, disse que tudo o que ele produzia, enviava para ela. Também fizeram trabalhos de campo juntos e excursões com alunos de ambos. Milton Santos também era seu amigo de correspondência, e sua ligação com o IBGE. Loreto relatou como era essa relação:

Ele [Milton Santos] me mandava livros que sobravam lá no IBGE e com estes livros, então, serviam pra gente fazer exercícios de marcar palavras-chaves, de fazer estudo dirigido. Ele mesmo me mandava questionários, então ele falava: “questionário da página tal, à página tal”. Então na hora de fazer estudo de grupo eu dava para um aluno que eu tinha preparado - porque eu tinha tempo integral - aí ele orientava o estudo daquele capítulo com o grupo de cinco. Outro, outro capítulo, outro grupo, outro capítulo e depois de três aulas, cada grupo apresentava o seu trabalho. (22/10/2010)

Em 1985, Irmã Loreto, junto ao também geógrafo e professor da instituição Renato Muniz Barreto Carvalho, atuaram na organização do 1º Seminário de Filosofia e Ciências Sociais, nas Faculdades Integradas de Uberaba (FIUBE), que teve como tema “Metodologias das Ciências Humanas – a questão da universidade”. O seminário contou com conferências de Milton Santos, Roberto Romano, Evaldo Amaro Vieira e Demerval Saviani. Um texto referente à conferência de Milton Santos (1985) foi publicado numa edição especial do “Jornal de Geografia”, uma publicação da instituição, dirigida por Renato Muniz, em que Irmã Loreto atuava no conselho da redação.

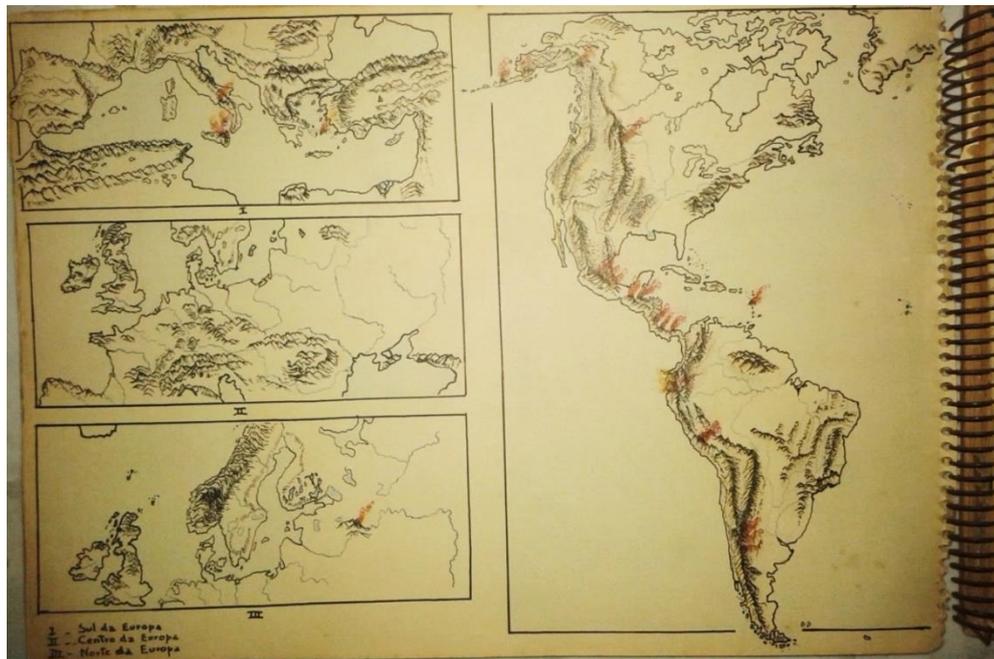
“Aqui professor é professor ou é escritor”

Uma aproximação aos materiais de trabalho da Irmã Loreto permite compreender como Irmã Loreto se destacou como professora com excelência profissional. Duas razões imbricadas se sobressaem para que isso tenha ocorrido: a religiosa e a dedicação à docência. A religiosa, pois a direção de suas atividades era dada pela madre superiora, conforme se verificou em relatos da professora acima destacados, cuja atenção principal era orientada à docência, inicialmente no colégio e, depois, na formação de professores de Geografia.

A extraordinária dedicação à docência e ao ensino de Geografia é claramente observada nos materiais de trabalho da professora, sobretudo os utilizados na formação de professores de Geografia, tais como nos cadernos em que escrevia os textos de orientação de suas aulas; nos cadernos de exercícios que elaborava para desenvolver com os seus alunos; nos seus extensos cadernos de cartografia com dezenas de mapas de diversas escalas e de vários países e regiões do mundo, desenhados manualmente e com muitos detalhes.

Maurício de Abreu (2014, p. 28) cita passagens do trabalho de Pierre Monbeig, que considera “bastante esclarecedoras da proposta científica da chamada “Geografia Moderna” (hoje transformada em “tradicional”)”, e que auxilia a compreensão do papel do mapa no trabalho da Irmã Loreto: “é digno de nota a atenção que Monbeig dá às representações cartográficas: “todo trabalho geográfico supõe o estabelecimento de mapas”, dizia ele”.

Figura 4 - Página de um dos cadernos de desenho de cartografia da Irmã Loreto, todos desenhados manualmente, usados em suas aulas. Observa-se a precisão das áreas e elementos mapeados e uma riqueza de detalhes, tais como o relevo, as principais bacias hidrográficas, vulcões (sinalizados com “fumaça vermelha”).



Fonte - Menon (2014).

O acervo de materiais da professora também evidencia o significado que ela atribuía ao papel da atividade prática no exercício da docência e da relação com os materiais na aprendizagem, sobretudo via dados empíricos e de objetos de interesse didático que ela coletou em inúmeros trabalhos de campo que realizou, visando subsidiar suas aulas. A professora distingue as “excursões”, com fins didáticos, que realizava com os alunos do Curso de Geografia, dos “trabalhos de campo”, realizados para fins de coleta de dados e materiais, para a docência ou para a pesquisa. Novamente, Abreu (1994, p. 25) auxilia na compreensão do papel do trabalho de campo na formação da primeira geração de geógrafos no Brasil, em que se situa Irmã Loreto:

diretamente influenciada pela Geografia Francesa, já tradicionalmente refratária à teorização, a Geografia Brasileira fez do trabalho no campo, do contato direto com a observação, uma atividade não apenas fundamental de pesquisa, como também de aprendizado. Não seria exagero afirmar que foi no trabalho “no campo” - e não nas faculdades - que a primeira geração de geógrafos obteve, verdadeiramente, a sua formação.

Nítido exemplo de tal dedicação à docência pela professora são os materiais coletados em trabalhos de campo na França e outros países da Europa ao longo de sua formação, conforme destacado em reportagem de jornal de 2002: “Irmã Loreto voltou para o Brasil na década de 50 levando um pouco da história de cada canto que visitou. A viagem foi feita de navio para levar os mais de 100 quilos de bagagem com fragmentos da vida terrestre” (G1-Triângulo Mineiro, 2002).

Parte desses materiais e outras coleções de fotos, equipamentos e objetos reunidos ao longo dos cinquenta anos de dedicação à Ciência Geográfica e à docência, como extensa coleção de amostras de rochas e minerais, estão expostos no “Museu da Capela”⁷, mantido pelo Colégio Nossa Senhora das Dores, em Uberaba-MG, conforme informa a reportagem:

Com uma coleção composta por pedras preciosas em estado bruto, mais de 30 variações de quartzo, rochas, lavas de vulcão e fósseis. A coleção vai muito além das rochas e minerais, são 1500 itens. Irmã Loreto reuniu ao longo dos anos pedaços do calçamento do interior de um palácio da Roma Antiga, da estrada de templos e até alguns objetos de mais de quatro mil anos. “Doei para o museu para que isso tenha utilidade hoje para os estudantes”, disse a irmã (G1-Triângulo Mineiro, 2002).

⁷ A coleção do “Museu da Capela - Memorial Dominicanas de Monteils” também está disponível na internet, no sítio eletrônico <www.museudacapela.org.br>.

A mesma reportagem ainda registra a seguinte afirmação da Irmã Loreto: “a contribuição que dei não foi muito científica, mas sim, pelo lado da educação do município”. No mesmo sentido, quando falou sobre os trabalhos de campo que desenvolvia no Curso de Geografia, contou que no Brasil nunca teve tempo para tal exercício, como tinha na França e afirma: “aqui professor é professor ou é escritor, não dá para fazer as duas coisas”. Isso demonstra que o distanciamento da professora da pesquisa acadêmica não foi algo de sua escolha e que o material que possuía poderia ter constituído um profícuo campo de suas investigações na Ciência Geográfica.

A posição da Irmã Loreto diante do ensino e da pesquisa pode estar inserida no contexto descrito por Durham (2003), que diz que a maioria das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras instituídas neste período no Brasil, estabeleceu-se como simples instituições de ensino; poucas abrigaram a institucionalização da pesquisa.

Assim, a trajetória intensa na Ciência Geográfica e docência da Irmã Loreto e o narrar de si como professora que precisou privilegiar a atividade docente perante a científica e sacrificar a prática do trabalho de campo na formação dos futuros professores de Geografia, sendo este um exercício essencial em seu processo formativo, tornam visíveis realidades e lacunas na formação educacional básica e, sobretudo, na formação do professor de Geografia no Brasil, principalmente em instituições privadas, tais como onde atuou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A caracterização da gênese e da história educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino de Uberaba é importante por dar subsídio para melhor compreender a própria instituição e a história da disciplina Geografia, a fim de, como nos orienta Carvalho (2010), superarmos o desafio de precisar o lugar a partir do qual a disciplina acadêmica se instaura, bem como para auxiliar na tarefa de compreender a realidade histórica da formação de professores de Geografia no Brasil.

Tratou-se de um trabalho que resultou de uma pesquisa biográfica concretizada a partir da história oral e pesquisa documental, que compõem seu trajeto metodológico, o que possibilitou uma detalhada coleta de dados da depoente Irmã Loreto, falecida em 2015, aos 97 anos, fazendo desta pesquisa uma guardiã da memória biográfica de uma professora pioneira na institucionalização da Geografia no Ensino Superior no Brasil e na formação de professores de Geografia em Uberaba e região.

A pesquisa revelou o papel de Uberaba como precursora da formação de professores no Triângulo Mineiro e da Irmã Loreto como pioneira na formação de professores de Geografia, com extraordinária dedicação à docência e ao ensino de Geografia.

Observou-se que as narrativas de si, elaboradas pela professora, corroboram com as pesquisas recentes no campo da memória, profissionalização e educação, que preconizam que “as dimensões pessoais e profissionais são estruturantes do ofício que tecemos, das marcas construídas ao longo da vida e das trajetórias constitutivas das histórias individuais e coletivas” (SOUZA, 2011, p. 215). Portanto, é um trabalho que pode auxiliar em projetos formativos e na compreensão da sociogênese do conhecimento escolar de Geografia, porque trata de experiências individuais e coletivas de trajetórias de vida, de formação e profissão.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação (Contribuições à História do Pensamento Geográfico Brasileiro). **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1/4, 1994. p. 21-122.
- ARANHA, Maria Lucília de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3. ed.. São Paulo: Moderna, 2006.
- BRAY, Sílvio Carlos. A visão de mundo de Pierre Deffontaines e a ideologia da cultura brasileira nos anos 30. **Geografia**. Rio Claro. v. 18, n. 2, 1993. p. 53-67.

Colégio Nossa Senhora das Dores (CNSD) – Escola Dominicana. **Relembrando Irmã Loreto**. 28 maio 2018. Disponível em: <cnsduberaba.blogspot.com/2018/05/relembrando-irma-loreto.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DURHAM, Eunice R., et. al. **O ensino superior no Brasil: público e privado**. Documento de Trabalho n. 3/03. São Paulo: Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior (NUPES) da Universidade de São Paulo, 2003.

GONÇALVES, Amanda Regina. A Geografia Escolar como campo de investigação: história da disciplina e cultura escolar. **Biblio 3W - Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidade de Barcelona, v. 16, n. 905, 2011.

GONÇALVES, Amanda Regina. Matrizes formativas históricas e marcas recentes na formação inicial de professores no Brasil. In: BARBOSA, Marinalva Vieira; DANTAS, Fernanda Borges de Andrade (org.) **Reflexões sobre a formação inicial de professores no Pibid**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2014. p. 25-39.

KOHLHEPP, Gerd. Hilgard O'Reilly Sternberg, um Pioneiro nas Pesquisas das Questões Ambientais no Brasil. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, v. 7, n.1, 2017. p. 7-21. <https://doi.org/10.36403/espacoaberto.2017.11941>

LEAL, Ana Maria Benaventana. **Contornos do Ensino Superior no Triângulo Mineiro – MG nos anos de 1990**: análise do convênio entre a Universidade Federal de Uberlândia e a Prefeitura Municipal de Uberaba. Mestrado da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG: UFU, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. A História (Oral) da Educação: algumas reflexões. **Em Aberto**, n. 47, 1990. p. 21-28.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazos Afonso de. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, José. Acervo de Tertuliana Cristina Campos Mendonça Silva. **Site José Mendonça**. 14 set. 2010. Disponível em: <www.josemendonca.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2010.

MENON, Mariana Bernardo. **Pioneirismo na Formação de Professores de Geografia no Triângulo Mineiro**: Irmã Loreto e sua contribuição para a História da Disciplina (1943 – 1980). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia), Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba-MG: UFTM, 2014.

PETRUCI, Rosimeire; SOUZA, Rita de Cássia Martins de. A Geografia escolar brasileira: uma revisão necessária. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia-MG, v. 20, n. 71, 2019, p.72-84. <https://doi.org/10.14393/RCG207145155>

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. O Colégio Pedro II e a institucionalização da Geografia Escolar no Brasil império. **Giramundo**. Rio de Janeiro. v. 1, n. 1, 2014. p. 15-34. <https://doi.org/10.33025/grgcp2.v1i1.7>

SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino**: um marco humanista na história da educação brasileira (1960-1980). Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado** - História Oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **História Oral**. v. 5. 2002. p. 9-28.

Trabalho da geóloga vira museu em Uberaba, MG. **G1 Triângulo Mineiro**. 10 jul. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/07/trabalho-de-geologa-vira-museu-em-uberaba-mg.html>>. Acesso em: 27 fev. 2020.

SANTOS, Milton. A responsabilidade social dos geógrafos. **Jornal de Geografia** – Centro de Ciências Exatas e Naturais das Faculdades Integradas de Uberaba. n. 3. Edição Especial. 1985. p. 2-12.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2011. p. 213-220.

Universidade Federal de Uberlândia. **Instituto de Geografia, Portal UFU**. 08 jul. 2016. Disponível em: <www.ufu.br/igufu>. Acesso em: 17 fev. 2020.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2007.

VITTE, Antonio Carlos. Breves considerações sobre a história da geomorfologia geográfica o Brasil. **Geo UERJ** - Ano 12, v. 1, n. 21, 2010. p. 1-19. <https://doi.org/10.12957/geouerj.2010.1445>

Recebido em: 22/03/2020

Aceito para publicação em: 29/09/2020